

RESENHAS

CASTRO, Celso (org.). 2005.
Evolucionismo cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer.
(Coleção Antropologia Social)
Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 128 p.

Peter Schröder¹

Por que ler os velhos mestres? Especialmente em tempos ‘pós-’ (modernos, estruturalistas, feministas, etc.). Não seria mais ‘econômico’ ir diretamente às ‘revisões’ atuais dos clássicos, em particular quando se trata de autores e escolas consideradas ultrapassadas, superadas, despachadas, enfim ‘capítulos fechados’ da história da Antropologia?

Na verdade, Celso Castro prestou um serviço valiosíssimo a toda a comunidade antropológica brasileira por traduzir três textos de três autores das gerações dos ‘fundadores’ da Antropologia como ciência social e humana. Com frequência podia se ouvir reclamações de profissionais que não havia, para disciplinas de teoria antropológica clássica ou de introdução à Antropologia, textos em português dos evolucionistas clássicos do século XIX, ou de que o acesso a essas traduções (geralmente em português de Portugal ou espanhol) seria difícil. Como resultado dessa situação, muitos alunos de cursos de Antropologia ou ciências so-

¹ Professor do PPGA/UFPE e co-editor desta revista. Endereço eletrônico: pschroder@uol.com.br / kanarawa@ufpe.br

ciais internalizaram relatos de segunda ou terceira mão sobre esses clássicos sem jamais ter lido um único de seus textos. Este problema poderia ser evitado ou minimizado nas pós-graduações, ao menos hipoteticamente, mas não dá para ignorar que em uma série de programas das regiões Norte e Nordeste um número não insignificante de alunos opta propositadamente, apesar das exigências formais nos processos de seleção, por um monolingüismo nas leituras.

No entanto, a mera disponibilização das traduções não é o único mérito deste pequeno livro. Ele mostra, ao mesmo tempo, a diversidade da tradição escolhida e revela que não é *tão* fácil resumir a Antropologia da época.

Os textos traduzidos são:

- (1) O prefácio e o primeiro capítulo de *Ancient Society* (1877), de Morgan, da edição de 1977 (New York: Gordon Press); dos três textos, é aquele que demonstra melhor o pensamento evolucionista da época.
- (2) O famosíssimo texto sobre “A ciência da cultura” (1871), de Tylor, de *Primitive Culture*, da edição de 1958 (New York: Harper Torchbooks); dos três textos, é certamente o mais adequado para debater o conceito de cultura e da Antropologia como ciência.
- (3) O texto da aula inaugural de Frazer (“O escopo da Antropologia Social”), proferida em 14 de maio de 1908 na Universidade de Liverpool e publicada em 1913 (London: Macmillan), aliás, a única palestra de Frazer naquela instituição. Este texto pode ser visto como uma abertura para um novo caminho da disciplina rumo a uma Antropologia Social moderna.

Apenas o texto de Frazer foi traduzido pela primeira vez para a língua portuguesa. Os textos são precedidos por uma excelente introdução, em que Castro fala primeiro dos autores para depois resumir as questões

principais do pensamento antropológico da época. Ao mesmo tempo, ele nos chama a atenção para uma série de percepções distorcidas e *colportages*:

- ◆ A representação recorrente e corriqueira das obras evolucionistas como homogêneas.
- ◆ O perigo da simplificação injusta do rótulo “evolucionismo”; afinal, era um evolucionismo específico: *cultural, unilinear* e teleológico.
- ◆ Versões simplórias que atribuem à obra de Darwin um peso fundamental para o pensamento antropológico da época, embora o evolucionismo cultural clássico não fosse darwiniano, mas principalmente spenceriano. Nem Roque de Barros Laraia conseguiu se livrar devidamente dessas visões em seu livrinho bem conhecido e lido por quase todos os estudantes de Antropologia (*Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar).
- ◆ Uma das visões mais rasteiras que se pode ler em alguns livros didáticos de segunda categoria, e que às vezes é reproduzida em salas de aula, é que o evolucionismo é um tipo de “capítulo fechado” na Antropologia. Em seus comentários, Castro deixa claro que o evolucionismo antropológico não viveu apenas um ressurgimento após a Segunda Guerra Mundial, inclusive citando Darcy Ribeiro como representante brasileiro dessa vertente intelectual, mas que ele continua ter seguidores, especialmente nos EUA, que dialogam com as ciências exatas, porém muitas vezes de forma bastante controversa. Apesar de o evolucionismo representar uma abordagem marginalizada (e às vezes até hostilizada) na Antropologia Sociocultural, não é possível ignorar que suas obras têm sucessos publicitários que muitas vezes superam as pautadas pelo construtivismo social.

Resumindo, um livro excelente, útil e – bonito, porque o layout agradável promete uma leitura prazerosa, promessa claramente cumprida.

MEHRINGER, Jakob & Andreas F. KOWALSKI. 2003.
(em cooperação com Jürgen Dieckert)
Laufen fürs Leben:
Ein Besuch bei den brasilianischen Canela-Indianer.²
Oldenburg: Isensee-Verlag. 61 p.

Peter Schröder³

Os Canela são um dos povos indígenas sul-americanos mais bem documentados por descrições etnográficas graças, principalmente, às pesquisas prolongadas do americano William Crocker. Os trabalhos de Jürgen Dieckert, professor titular de Educação Física na Universidade de Oldenburg (Alemanha), e dos etnólogos Jakob Mehringer e Andreas Kowalski, por sua vez, têm ficado menos conhecidos no Brasil, o que tem a ver em partes com a opção de publicar preferencialmente em alemão. Dieckert iniciou, em 1988, junto com Mehringer um projeto de pesquisa interdisciplinar sobre as corridas de tora dos Canela, e o livro resenhado faz parte das publicações resultantes dessa pesquisa. Trata-se do catálogo de uma exposição que foi apresentada em 2003 e 2004 em várias cidades alemãs.

As corridas de tora são o tema central do livro, não apresentadas

² *Correr pela vida: uma visita aos índios Canela no Brasil.* O livro pode ser encontrado na livraria virtual Amazon.de (www.amazon.de).

³ Professor do PPGA/UFPE e co-editor desta revista. Endereço eletrônico: pschroder@uol.com.br / kanarawa@ufpe.br

como alguma atividade esportiva, mas como um ritual que dá sentido existencial aos Canela e que permeia toda a vida cultural deste povo indígena. Isto explica o título *Correr pela vida*. Os autores optaram por uma ‘descrição densa’ ‘culturalista’ das corridas, deixando seus aspectos físicos e materiais (p.ex., os pesos impressionantes carregados pelos Canela) em segundo plano, focalizando as categorias êmicas. Aparentemente é uma contradição, porém eles conseguiram combinar uma abordagem ‘boasiana’ com a idéia geertziana, aliás, de uma maneira que muitas vezes não é cumprida em trabalhos que acenam com a promessa de alguma ‘descrição densa’. Mehringer e Kowalski preferiram uma hermenêutica culturalista das corridas de tora e explicam que uma abordagem funcionalista ou até etológica (por exemplo, por interpretar as corridas como um tipo de preparo físico para atividades econômicas nos cerrados) seria reducionista e não ajudaria a compreender o ritual.

Fica evidente que um dos motivos da publicação é uma preocupação boasiana de documentar o que parece estar sob perigo de desaparecer, no sentido de uma *salvage ethnography*, que hoje em dia pode aparecer antiquada. No entanto, maior estranheza provoca o vocabulário parcialmente antiquado, como se manifesta nas expressões “tribos” (*Stämme*) ou “neobrasileiros” (um empréstimo de Nimuendaju). Estes aspectos, no entanto, não deveriam impedir ver o melhor do livro: suas fotografias de qualidade excepcional que ilustram o texto do início ao fim. Um pequeno livro que merece o adjetivo lindo.

**PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). 2004.
Família e envelhecimento.
Rio de Janeiro: Editora FGV. 144 p.**

Wanda Lage⁴

A série Família, Geração e Cultura, objetivando divulgar as pesquisas e estudos relacionados à sua temática, promove a reflexão socio-anropológica sobre as relações familiares em diferentes contextos no Brasil.

O cenário dessas relações tem-se tornado cada vez mais complexo diante de mudanças sócio-culturais. Novos modelos familiares surgiram em decorrência de alguns fenômenos sociais como aumento da expectativa de vida, baixa taxa de natalidade, crescente aumento da população acima de 60 anos, declínio do casamento, e da elevada aceitação do divórcio, entre outros.

A suposta 'crise' na família que sugere o enfraquecimento dessa instituição, na realidade revela o surgimento desses novos modelos (famílias monoparentais; famílias homoparentais – formada por pessoas do mesmo sexo –, entre outras) como consequência das transformações de gênero e alterações ocorridas na dimensão da sexualidade.

Família e Envelhecimento é um livro que apresenta um espaço onde diversos estudos com ênfases distintas sobre o envelhecimento desvelam as múltiplas faces desse processo já concebido anteriormente e equivocadamente como homogêneo e universal (Debert 1999).

A sociabilidade, relações intra e intergeracionais, trocas afetivas e materiais, situação de asilamento, são alguns dos múltiplos aspectos em que o envelhecimento tem sido analisado. Alguns desses e outros aspec-

⁴ Mestranda no PPGA/UFPE.

tos são tratados através do conjunto de artigos, de autores (exceto Attias-Donfut) brasileiros, reunidos em *Família e Envelhecimento*.

Ao mostrar como os significados atribuídos à velhice dependem do sistema simbólico de cada cultura e subcultura, Myriam Lins de Barros contextualiza essa etapa da vida com a modernidade e evidencia as suas representações sociais.

Júlio de Assis Simões enfatiza em suas pesquisas a velhice através das reflexões sobre as políticas sociais e a criação dos sistemas de aposentadoria (Simões 2004), em seu artigo apresentado em *Família e Envelhecimento* destaca o discurso dos aposentados, privilegiando os que promovem a construção do aposentado em ator político.

Clarice Ehlers Peixoto, na mesma tendência de Simões, ao pesquisar sobre as políticas da velhice, parte da perspectiva de analisar as mudanças ocorridas na vida dos indivíduos liberados do trabalho, evidenciando outras questões que pressionam os indivíduos a voltarem a trabalhar, além da baixa aposentadoria, como a solidariedade familiar, a falta de sociabilidade das atividades referentes ao trabalho, e o vazio gerado pela inatividade.

Claudine Attias-Donfut, ao revelar as distintas características no processo de envelhecimento do homem e da mulher, desperta reflexões e incentivos aos pesquisadores da área.

As novas formas de sociabilidade surgida nas últimas décadas promovem uma sociabilidade espontânea ou coordenada por organismos públicos ou privados e permitem segundo a análise de Alda Britto da Mota, a construção de uma nova auto-imagem do idoso. Evidenciando o que Debert (1999) anuncia como uma reinvenção da velhice, onde o velho é sempre um outro, distanciando a velhice atual da vivida anteriormente por outras gerações.

Sem dúvidas, uma obra que cumpre com seu objetivo proposto de gerar reflexões e incentivos aos pesquisadores que apresentam afinidade com temas relacionados ao envelhecimento.

Referências

- DEBERT, G. G. 1999. *A reinvenção da velhice* São Paulo: Edusp/ FAPESP.
- SIMÕES, J. A. 2004. "A previdência social no Brasil: um histórico". In NÉRI, A. L. & DEBERT, G. G. (org.): *Velhice e sociedade* Campinas: Papyrus.